

WALMIR AYALA

**à beira
do corpo**

À beira do corpo

Copyright © 2026 FARIA E SILVA

Faria e Silva é uma editora do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.).

ISBN: 978-65-60252-49-3

Copyright © 2026 Walmir Ayala (representante legal André Seffrin)

Impresso no Brasil – 14ª edição, 2026 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

A973a

AYALA, Walmir.

À beira do corpo / Walmir Ayala. - 14. Ed. Rev. pelo autor. São Paulo: Faria e Silva Editora, 2026.

164 p. ; 14,2 x 21 cm.

ISBN: 978-65-60252-49-3

1. Literatura brasileira – Romance. 2. Adultério – Ficção. 3. Paixão – Ficção.
4. Tragédia – Ficção. 5. Relações conjugais – Ficção. I. Título.

CDD: 869.3

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Produção editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor editorial: Anderson Vieira

Editor da obra: Rodrigo de Faria e Silva

Vendas governamentais: Cristiane Mutus

Produtor editorial e capa: FS - Estúdio

Foto da capa: Inge Poelman

(do banco de imagens Unsplash)



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br

Editora afiliada à:



ASSOCIADO



WALMIR AYALA

**à beira
do corpo**

FARIA E SILVA

Amostra

SUMÁRIO

1. Primeira Parte	1
16. Segunda Parte	91
25. Posfácio	141
Um romance à beira do corpo	

Amostra

A Maria Muniz

PRIMEIRA PARTE

"Eu sou o Senhor que esquadriño o coração, e que sondó os afetos; que dou a cada um segundo o seu caminho, e segundo o fruto das invenções do seu capricho."

Jeremias, 17.10

I

Eu, o verme, aqui nesta carne que já começa a ser meu reino, nesta carne recém-pousada em seu leito de morte, ainda quente daquele hausto de vida que era a sua chance de perigo e abjeção. Eu, o verme, reconhecendo este tecido de alma ausente, mas com a marca total de tudo o que a alma aprendeu, e que só através destes olhos, desta boca onde passeio agora o meu visco, destes dedos delicados e finos, somente através disso tudo tenho uma razão de ser chamado em testemunho. Este corpo que guarda a memória intata da alma que o conduziu, mesmo em sua maior baixeza. Eu e a minha consciência de verme, aqui a sós com ela, com seu discutível pecado. Há quanto tempo repousa. Repousa? Será o repousar esta forma deposta, agredida e sangrenta, que agora se oferece a mim, completamente desligada de seu compromisso humano? Será o repouso que lhe põe assim um traço amargo no lábio, e que repousou é este? Não, eu sei que não, que não é isto a calma dos que inconscientemente se desligam da trama terrena, como os animais deixam de transitar com justiça, mas que neste repouso que me pertence rola ainda uma onda de pavor, aquele frêmito desenrolando desde o impulso do crime até este orifício exato e único da bala sobre o seu coração.

Eu, o verme, agora possuo mesmo a medida da sua paixão, e pouco a pouco tudo me será dado, porque a única forma de decomposição é esta em que se assume a exata lucidez do martírio, e em se

tratando de um corpo é esta a nitidez de cada emoção fixada em células de diferente acento, como a luminosidade transpassada nas heterogêneas frondes de um bosque indevassável. Assim é a alma permanecida aqui, neste raio de carne em todas as direções e que percorro no limiar do pó que será, e que cansa receber com toda a carga de ânsias ainda não renunciadas.

Eu, o verme, aqui sobre seus minúsculos pés de um raro marfim que a morte esfria, sobre seus pés tão decididos a cumprir o perigoso destino que a limitaria a dezenove anos de vida. Estes pés que guardam duas sensações maiores: o dia em que... exatamente o dia em que foi conduzida, no casual espairecimento de um passeio, até a oficina do noivo. Pouco depois, num regresso cheio de apreensão, já não ousaria esperar com tanta gratuidade a cerimônia do enlace (logo se saberá da opressão dos seus dias de dúvida e irreflexão). Seus dezessete anos tinham uma história de tontura, assim vivia, entre o sol de Vila Nova e os bailes de família, e amava a natureza, o riacho, os passeios para o lado da figueira. Depois entrava-se num bosque de grama e flor do campo. Ia sempre com a Babá, molhava os pés na água da correnteza, a água fria a reconfortava - ouvia assim histórias tão antigas, de amor, com fugas felizes e fortunas quiméricas.

Mas tudo começou naquele dia, pouco antes da chegada do sapatinho de cetim. É verdade que o sapatinho de cetim inebriou-a, e casar, para ela, passou a ser aquilo: calçar aquele sapato macio e principesco: até imaginou encurtar o vestido na frente para que todos pudessem ver bem o sapatinho confeccionado em Porto Alegre, na loja mais importante, digno de uma duquesa (assim lhe prometera o pai quando comunicou ter feito a encomenda). Casar podia ser tanta coisa, para ela era principalmente a glória daquele sapatinho que provaria o pó vermelho de Vila Nova, e que a conduziria aos braços de um homem que a amava, e tudo estava perfeito, e não havia por que inquietar-se... isso se com o crescimento

da ânsia do acontecimento não lhe fosse sucedendo um temor, um frio temor que lhe vinha de uns olhos estranhos, não daqueles com que o noivo a envolvia numa onda de segurança e franqueza. Tudo começou no dia em que viu aqueles olhos.

(Não vos enojeis de estar aqui comigo sob a tampa deste caixão rústico. Enojai-vos, isto sim, da mentira e da hipocrisia, da intransigência e da implacabilidade, isto tudo que eu desconheço em meu percurso que agora inicia. Nasci com esta morte, sou seu verme. Escutai-me, e se eu disser coisas espantosas, vieram de vós, da força humana que sois em vossa comunhão temporal. Eu só faço é perdoar, ver e perdoar, esta carne que me nutre já não tem meios de multiplicar o dano, sua multiplicação sou eu, o verme que a ausculta e contempla.)

II

O sapatinho de cetim pérola veio de Porto Alegre para aquele enlace que era o grande acontecimento de Vila Nova nestes últimos anos. A filha do velho Piero, com dezessete anos de uma beleza cobiçada em toda a redondeza, ia casar. A filha do terrível Piero que mantinha uma velha Babá negra, em outros tempos sua amante, para vigiar suas duas filhas Celina e Bianca, desde a igreja até o cinema, desde o cinema até a casa, desde a casa até a igreja, e para que mais?, prevenindo qualquer liberdade de incidente não recomendável numa pequena vila do interior, em que a vida de cada habitante é assunto comum a todos e a todos pertence. O velho Piero, com sua chácara de pêssegos e suas propriedades, sabia do perigo que representava para a honra de um pai possuir duas filhas jovens e bonitas. Principalmente Bianca o inquietava: seus olhos cor de mel, com cintilações de vespa, seu silêncio, ameaçavam um coração capaz de deslizes. Era o que ele pensava. Por isso não impedira o namoro sério, e às claras, que pouco a pouco se urdira entre Bianca e um moço pobre da vizinhança; pobre, trabalhador e ambicioso – com algumas economias conseguira ele instalar uma ferraria na outra extremidade da vila. O fascínio de Bianca cresceu, e foi quase amor, quando o viu ao lado da forja, malhando o ferro em brasa, com as centelhas armando uma fantástica cena no

crepúsculo monótono do barracão cinzento e encardido. Apenas o fogo alentava aquela placidez. Bianca assustou-se:

- Vais te queimar.

- Já estou acostumado - ele nem olhava para ela, mas estava feliz de se revelar com seu trabalho, o que lhe rendia o pão cotidiano, coisa em que ela, caprichosa e frívola, não pensava. Naquele instante estava fascinada pelo fogo. Ajeitando o passador de osso com que prendia o cabelo fino e dourado, num displicente coque, viu a chegada de um estranho. Sobretudo ouviu o patear do seu cavalo e sua voz metálica:

- Ferradura!

Vicente, sem palavra, com esta naturalidade tibia dos profissionais, preparou os elementos da ferração. O estranho acrescentou: "É preciso arrancar a outra. Soltou um prego agora e já está gasta". Bianca neste momento olhou-o. O cavalo pateava com impaciência. Bianca tremeu. Era como se aquele patear fosse daquele homem terrível que a fixava, e pela primeira vez ela percebeu que era perigosamente descoberta. Um arrepião moldou-lhe o seio, a mão gelada e neutra do arrepião. A negra Babá cochilava pitando num banquinho à porta. Bianca pousou a mão no ombro de Vicente como que para pedir socorro. Mas não podia, ao mesmo tempo, despregar os olhos do estranho, uns olhos azuis, duros como o gume de um punhal, azuis de pedra transparente, numa cara queimada com a auréola de um cabelo crespo e cintilante, desarranjado como o de um São Sebastião no ar pesado, cravado em troncos duros de danação. O estranho apeou e ficou observando com evidente desatenção o trabalho de Vicente que reparava os cascos do cavalo. Bianca esquivou-se para um canto mais sombrio, como um pássaro aterrorizado por uma tempestade. O olhar azul do estranho flutuou sobre o vulto que ela agora significava, tão minúscula e fremente, despertada de repente em seu instinto de

fêmea, sem saber exatamente para o quê, mas despertada. Os dois homens, próximos, resolviam-se.

- Pronto - atalhou Vicente, completamente alheio ao fio candente que circulava no manso ar de sombra e calor de sua modesta oficina. O estranho, de um salto, retomou a cavalgadura:

- Ponha na conta da Brigada Militar - só então Bianca reparou em sua farda impecável e gasta.

- Feito - com um tapa na anca do belo animal já excitado para a cavalgada, Vicente sorriu inocente. Bianca assomou de sua sombra para ser vista. Pela primeira vez, percebendo que o outro partia, alteou-se como quem consente. O estranho percebeu, domando a rédea, e com um olhar sem o menor sorriso, com aquele azul de uma águamarinha mal lapidada e misteriosa, curvou levemente a cabeça num cumprimento. Ela premeu o seio que arfava no decote justo. Vicente voltou à forja enquanto o cavaleiro, sem voltar a cabeça, sumiu na poeira de uma curva próxima, como uma aparição.

III

Rosália, a moça órfã que o velho Piero recolhera para servir de companhia a Bianca e Celina, entrou na sala com uma caixa na mão:

- Bianca, o sapato.

A emoção da novidade arrancou Bianca da vigília ao pé da janela. Desde o fim de tarde na ferraria que o estranho passava mais ou menos à mesma hora por aquela rua fixando acintosamente a janela atrás da qual a moça, semioculta, ardia de um secreto desejo que o tempo atearia. Ele impassível apenas olhava, como a cobra do mato na sedução dos animais menores de que se alimenta.

Auxiliada por Rosália, Bianca desembrulhou o sapato feito sob medida para o seu pé minúsculo (este pé que, neste momento, eu, o verme, contorno) e apressou-se em experimentá-lo.

- Está uma luva - disse Rosália discretamente emocionada.

- Você gosta? - a infantilidade assomava aos olhos de Bianca. Em seu sorriso era toda graça no jeito de mirar o próprio pé por todos os lados.

- É lindo - Rosália ensombreceu. Sua condição de mulher secundária naquela casa não anulava um certo desencanto da vida, o que a sua alma, embora desprendida e reta, não evitava revelar. Este acento não passou despercebido a Bianca:

- Você está triste?

- Você vai casar.

- E daí? Não vou morrer, ora essa - o riso claro explodiu, abraçou com calor a irmã de criação. (Hoje, eu, o verme, sei que naquele riso se externava um dobre de fatalidade. Ao longe ouviu-se o sino.)

Bianca parou de rir, sacudida:

- Seis horas. Leve o sapato lá para dentro.

Não queria que Rosália permanecesse ali, não queria testemunhos de seu fascínio - nesta precaução estava já decidida a marca de um pecado inegável. Rosália, sem contestar, saiu. No momento exato ouviu-se o patear de um cavalo. Ele! O coração de Bianca disparou. Ainda descalça (aqui vai o segundo momento fatal deste pé que agora me delicia, sondado em sua delicada forma), alcançou a janela e ergueu como nunca a cortina. O estranho passava, altaneiro, as espáduas amplas sob o sol que como uma bandeira o envolvia. Seu sorriso, aquele rosto frio, fez com que Bianca erguesse totalmente a cortina e aparecesse quase de corpo inteiro. Ela sorriu, ao que ele não respondeu com o mínimo gesto ou sinal, apenas com o olhar duro como só a paixão decidida pode pôr na expressão de um homem. Bianca ousou mais, abriu a janela e o perfume dos jasmíneiros tocou-lhe o rosto afogueado. Parado, do outro lado da rua, o Padre Nilo a cumprimentava. Sem responder ao cumprimento e num primeiro gesto de audácia em seus dezessete anos confessos, Bianca acenou para o estranho. Ele nem sequer voltou-se, já distante e vitorioso, para repetir o olhar tácito. Mas suas costas maciças eram como o salmo unânime da tarde. E um tremor reconduziu Bianca ao frescor sombrio da sala. Fugia.

A voz de Padre Nilo a interceptou no intento:

- Bom dia, menina - Bianca voltou evidentemente contrariada.

- É o senhor? Não o tinha visto.

O padre, homem de cinquenta anos, calvo e de uma cor cinzenta, de olhos firmes, movia-se com a desenvoltura de uma autoridade. Respeitavam-no na vila. Sua vida impecável e um interesse muito

humano pelos paroquianos faziam-no mais do que um simples confessor, era um confidente mesmo em assuntos profanos e delicados. E bem conhecia a alma de Bianca, ou pelo menos a alma de Bianca até o momento em que, ao pé da forja, entre fagulhas e espanto, vira o estranho pela primeira vez.

Ali estava o clérigo, junto à janela, batendo a batina preta com uma desportividade extrovertida e íntima:

- Que poeira, hein? Quando teremos asfalto pelo menos na rua principal deste lugarejo!

- É.

- Ainda por cima temos que aturar estas cavalgadas - Bianca estremeceu, ele referia-se ao estranho. Continuou: - Viu, há pouco? Este arrogante Tenente Sebastião.

O nome! O nome! Pronunciou-o entre dentes, como quem acaricia. Por um momento seus olhos cintilaram. Tentou dar à voz uma entonação banal quando perguntou:

- Conhece-o?

- Um homem duro, quase não fala.

Aos poucos apare

ciam todos os dados que Bianca adivinhava, outros que desconhecia totalmente. Da arrogância já era sabedora, e de uma certa forma se escravizara a ela. Traía-se no interesse:

- Eu nunca o tinha visto.

- Está há pouco tempo entre nós. Remoção militar. - É seu paroquiano?

- Não pratica. Ignora a religião. É um insensível. Se as preces resolvessem o problema das almas empedernidas ele estaria salvo. O quanto tem se gasto em lágrimas e orações a pobre Dona Laura!

- Laura?